



SLACKLINE: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO AMBIENTE ESCOLAR

SLACKLINE: CHALLENGES AND POSSIBILITIES IN THE SCHOOL ENVIRONMENTS

SLACKLINE: DESAFÍOS Y POSIBILIDADES EN EL MEDIO AMBIENTE ESCOLAR

Diogo Geraldo da Silva Guedes

Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil

Email: diogo0424@gmail.com

Gabriel Carvalho Bungenstab

Universidade Estadual de Goiás, Goiânia, Goiás, Brasil

Email: gabrielcarv@msn.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é mapear e analisar como o *slackline* (enquanto uma prática corporal) se insere no campo da Educação Física escolar, mais especificamente no que tange a produção científica da área. A partir da classificação qualis/ CAPES pesquisou-se o termo "*slackline*" em seis revistas eletrônicas do campo da Educação Física. Por fim, concluímos que as publicações tratam o conteúdo do *slackline* na sua relação com a saúde, o lazer e escola. Constatou-se, também, que as produções específicas ao ambiente escolar estão aumentando qualitativamente, fato que incita novas possibilidades para a prática pedagógica do professor de Educação Física, mas que também aponta novos problemas a resolver.

Palavras-chave: Educação Física; *Slackline*; Práticas Corporais; Escola.

ABSTRACT

The objective of this article is to map and analyze how slackline (as a corporal practice) is inserted in the field of Physical Education school, more specifically regarding the scientific production of the area. From the Webqualis/ CAPES classification, the term "slackline" was searched in seven Physical Education journals. Finally, we conclude that, in a large majority, the publications deal with themes related to sport, however, it was also verified that the productions that debate the corporal practices of adventure in the school environment are increasing qualitatively, a fact that incites new possibilities for the pedagogical practice of the teacher of Physical Education.

Keywords: Physical Education; Slackline; Body Practices; School.

RESUMEN

El objetivo de este artículo es mapear y analizar cómo el slackline (mientras una práctica corporal) se inserta en el campo de la Educación Física escolar, más específicamente en lo que se refiere a la producción científica del área. A partir de la clasificación Webqualis/ CAPES se investigó el término "slackline" en siete revistas electrónicas del campo de Educación Física. Por último, concluimos que, en suma mayoría, las publicaciones tratan de temas dirigidos al deporte, sin embargo, se constató, también, que las producciones que debatir las prácticas corporales de aventura en el ambiente escolar están aumentando cualitativamente, hecho que incita nuevas posibilidades para la práctica pedagógica del profesor de Educación Física.

Palabras clave: Educación Física; Slackline; Práticas Corporales; Escuela.



INTRODUÇÃO

As práticas corporais de aventura (PCA) vêm se afirmando como manifestações corporais estabelecidas por gênese em ambientes não urbanos, fato que leva os indivíduos a realizarem um movimento de escape das cidades para ambientes junto à natureza (florestas, rios, montanhas, mar, dunas, dentre outros) em busca dessas práticas. As PCA no Brasil são praticadas por indivíduos que procuram nessas atividades algumas características, como: o risco controlado e as emoções/sentimentos e experiências provenientes destas práticas. De acordo com Inácio (2016), as PCA têm como características básicas: risco controlado, vertigem, proeza e imprevisibilidade. Inácio e colaboradores (2015) classificam as PCA de acordo com o ambiente na qual são praticadas, sendo assim: práticas terrestres, aquáticas e aéreas.

Algumas PCA, oriundas do ambiente natural, foram incorporadas nas cidades e modificadas, como por exemplo: escalada em paredes artificiais, rapel e o *slackline*. O *slackline* teve sua origem nos anos de 1980 por meio dos escaladores norte-americanos. Segundo Bartholdo e Andrade (2012), diante do mau tempo, os escaladores utilizavam seus equipamentos para estender fitas e caminhar sobre elas. Rapidamente, perceberem os benefícios físicos desta prática e o *slackline* passou a ser praticado mundialmente. Segundo Portela (2010) o *slackline* chegou ao Brasil no ano de 1995, contudo, foi nas praias do Rio de Janeiro, 10 anos depois, que esta prática passou a ganhar destaque nacional.

Genuinamente o acesso ao *slackline* e as outras PCA se dão em ambientes não escolares, porém existe uma parcela da população que não possui os meios necessários para usufruir destas práticas no momento do lazer. Assim, torna-se importante discutir possibilidades de inserção das PCA na escola.

Vale destacar que no ambiente escolar as PCA são tratadas como Atividades de Aventura, esta última nomenclatura nem sempre abarca o sentido empregado pela prática em si, pois o entendimento do termo “atividade” está ligado a

uma tarefa intermediária ou diversas tarefas que tem por objetivo propiciar o entendimento de uma determinada prática final, o que pode eliminar a possibilidade de experiência do praticante.

De acordo com a nova orientação da Base Nacional Comum Curricular (BNCC), as PCA são conteúdos obrigatórios na Educação Física para o ensino fundamental. (BRASIL, 2017) O documento divide as PCA entre urbanas e na natureza da mesma forma que as divide nas séries finais do ensino fundamental: as PCA urbanas ficaram no 6º e 7º ano e as PCA na natureza 8º e 9º ano. O referido documento não fundamenta uma explicação para essa divisão do conteúdo em séries específicas, contudo, o mesmo documento diz que o conteúdo pode aparecer a qualquer momento do ensino: “Em princípio, todas as práticas corporais podem ser objeto do trabalho pedagógico em qualquer etapa e modalidade de ensino” (BRASIL, 2017, p. 217).

Uma vez que o documento estipula a divisão do conteúdo e a sua aplicação em séries específicas, ele parece assumir o posicionamento de que o conteúdo pode aparecer em qualquer momento do ensino; com isso, as PCA podem ser ministradas em séries que não seriam aquelas indicadas pelo documento. É possível tematizar o *slackline*, como manifestação das PCA, na escola?

Segundo Almeida e Gasparí (2014, p. 163) existe apenas um curso de Pós-Graduação sobre aventura em todo o país. A formação foi identificada em outros estudos (PEREIRA, 2013; ALMEIDA; GASPÁRI 2014) como um dos problemas que impossibilita os professores de apresentar as PCA no ambiente escolar. Além disso, as instituições de ensino superior no Brasil em suma maioria não têm como conteúdo essas práticas. Tal constatação evidencia a necessidade de produção de artigos científicos para divulgar pesquisas e experiências com as PCA a fim de alcançar os professores nas escolas.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é mapear e analisar como o *slackline* se insere no campo da Educação Física escolar, mais especificamente no que tange a produção



científica da área. O que o campo da Educação Física tem produzido, em termos de artigos científicos, sobre o *slackline*? Para responder tais indagações o presente texto é dividido em quatro momentos: 1) percurso metodológico; 2) mapeamento e análise da produção do campo da Educação Física sobre *slackline*; 3) a presença do *slackline* dentro do ambiente escolar e; 4) conclusões.

METODOLOGIA

Realizamos um levantamento bibliográfico com o objetivo de entender como o termo *slackline* é referenciado no campo da Educação Física, no que tange a publicação de artigos científicos. Concordamos com Galvão (2010) quando ela afirma que o levantamento bibliográfico, além de revisar o conhecimento produzido, também oportuniza novos caminhos de pesquisa. Nesse sentido, nos interessa observar possíveis limites e possibilidades dos artigos produzidos sobre o *slackline*. A partir de tal observação será possível refletir sobre problemas e propor novos caminhos.

Nesse sentido, o levantamento foi construído a partir de dois objetivos: 1) mapear, de maneira quantitativa, o número de referências ao termo *slackline* e; 2) diagnosticar, qualitativamente, como este termo é utilizado no campo da Educação Física. As revistas foram escolhidas a partir da classificação Webqualis/CAPES. Na esteira de Bungenstab (2018) utilizamos três critérios para a escolha das revistas: 1) revistas que possuem diálogo com o campo das Ciências Humanas e da Saúde; 2) que publicam seus artigos originalmente em língua portuguesa e; 3) com estratos qualis/CAPES diferentes, pois entendemos que há produção de qualidade em revistas de estratos “inferiores”.

Foram mapeadas revistas com conceitos qualis de A2 até C. Após essa seleção, foi feita uma coleta de dados nas seguintes revistas: Motrivivência, Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), Pensar a Prática, Licere, Corpoconsciência e Conexões.

Reconhecemos a importância das revistas Movimento e Revista da UEM para o crescimento científico da Educação Física, porém, as mesmas não se encontram neste trabalho por não terem artigos que tematizaram o *slackline* dentro do período analisado.

Tivemos o cuidado de fazer um recorte temporal de 13 anos. O mesmo se justifica, pois, segundo Portela (2010), o *slackline* começou a ganhar projeção nacional a partir de 2005. Para execução desta tarefa foram utilizados os seguintes termos de busca nas plataformas: “*Slackline* e Ambiente Escolar” e “*Slackline*”. Os termos foram digitados na caixa de buscas das respectivas revistas; a variedade dos termos objetivou aumentar as possibilidades de pesquisa. Todos os artigos encontrados que tinham relação com os termos tiveram os resumos previamente lidos e, aqueles que fizeram alguma referência à palavra ‘*Slackline*’, foram lidos na íntegra.

OS DIÁLOGOS ENTRE O SLACKLINE E O CAMPO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Percebemos, com o mapeamento realizado que, ao longo dos últimos treze anos dentro desses periódicos, treze artigos propuseram estudar o *slackline* em diferentes perspectivas. O quadro 1 apresenta uma síntese das revistas, respectivo ano de publicação e os autores dos artigos analisados.

**Quadro 1** – Panorama geral das publicações acerca do *slackline*

Ano	Revistas	Autores	Total
2013	Motrivivência	Pereira	2
	RBCE	Pimentel	
2014	Corpoconsciência	Mendes, Gomes e Belo Tahara e Darido	3
	Licere	Santos e Marinho	
2015	Corpoconsciência	Tahara e Darido	2
	Licere	Maia e colaboradores	
2016	Pensar a Prática	Bungenstab e Almeida Pereira, Tavares e Suzuki	3
	Conexões	Tahara e Darido	
2017	Corpoconsciência	Bungenstab e colaboradores	1
2018	Conexões	Martins e Neira	2
	Corpoconsciência	Loureiro e colaboradores	
Total	-	-	13

Nota: construção dos autores

Entre 2005 e 2012 não foram encontrados artigos que tematizaram o *slackline*. A falta de publicação nos primeiros anos se dá pela novidade da temática. No Brasil, as regiões litorâneas receberam os primeiros adeptos dessa prática, fato que se confirma com o evento que Xavier (2012, p. 15) chama de “primeiro e maior highline do Brasil” que ocorreu na cidade do Rio de Janeiro em 2006. Ainda segundo a autora, esse evento ocorreu na pedra da Gávea, onde um praticante atravessou a fita em circunstâncias desafiadoras, fato que fez o *slackline* ganhar maior projeção em outras cidades brasileiras.

Em 2011 foi criada a Federação Mundial de *Slackline* (WSFED). Ao criar as regras do *slackline*, a WSFED auxiliou no processo de esportivização e, também, de comercialização de produtos ligados a esta prática. É nessa conjuntura que surgiram as primeiras publicações nas revistas científicas brasileiras. Podemos afirmar, em termos quantitativos, que a produção do campo da Educação Física sobre *slackline* é pequena, contudo, cabe realizar uma análise mais profunda para verificar se, qualitativamente, estas produções contribuem para o avanço da temática dentro da área. A partir do mapeamento, notamos que o termo *slackline* aparece de duas maneiras diferentes nas publicações: 1) citado apenas como elemento das práticas corporais de aventura e; 2) como objeto central dos estudos.

Os textos de Tahara e Darido (2014, 2015, 2016), Bungenstab e Almeida (2016), Maia e colaboradores (2015) e Pimentel (2013) discutem as práticas corporais (de aventura) na sua relação com a Educação Física, mas não se preocupam em trabalhar com o *slackline* de maneira específica. Por exemplo, Pimentel (2013) e Maia e colaboradores (2015) ao analisarem os “esportes na natureza” salientam que o *slackline*, assim como o *skate* e o *parkour*, situa-se no contexto das práticas de caráter urbano. Já Bungenstab e Almeida (2016) ao realizarem observações durante as aulas de Educação Física no Ensino Médio, relataram que os jovens vivenciavam o *slackline* de maneira livre, sem qualquer intervenção do professor. Assim, os seis textos, apesar de citarem o termo, não aprofundam no debate envolvendo o *slackline*.

Por outro lado, mapeamos sete textos que tratam o *slackline* como tema central dos seus estudos. Dentre eles, quatro artigos tematizam o *slackline* no ambiente escolar; dois deles relacionam o *slackline* no contexto da saúde e um refere-se ao debate envolvendo o lazer. Santos e Marinho (2014) analisaram, por meio do projeto de extensão “Lazer e Recreação”, uma oficina de *slackline* oferecida para 19 estudantes de graduação em Educação Física de uma Universidade. Após realizarem questionários com os participantes, os autores concluíram que além dos benefícios corporais que a prática do *slackline* oferece, ela também oportuniza que os



estudantes conheçam uma prática corporal diferente, sobretudo, na perspectiva de utilizar o conteúdo do *slackline* na atuação profissional dirigida ao lazer.

Por sua vez, Mendes, Gomes e Bello (2014) e Pereira, Tavares e Suzuki (2016) desenvolveram seus trabalhos especificamente no debate envolvendo o campo saúde. Pereira, Tavares e Suzuki (2016) utilizaram o *slackline* para desenvolver o equilíbrio, propiciar a aventura e a emoção com um grupo de idosos que desenvolvem atividades em uma Universidade em São Paulo.

Através do teste de equilíbrio, nota-se que o *slackline* oferece estímulos à coordenação motora e ao controle da musculatura postural. Segundo relatos das participantes o fato de conseguir atravessar, aumenta a habilidade motora e as “torna útil”, expressão da qual sugere uma maior inserção social destas pessoas. Acredita-se no potencial da prática sobre a fita em programas para idosos, pensando não somente nos benefícios do movimento para a saúde desta população, mas também no processo de busca para um novo significado ao envelhecimento, no qual é possível superar os medos, anseios e perdas através da motivação para novos desafios, aumentando assim a perspectiva destes indivíduos sobre a vida. (PEREIRA; TAVARES; SUZUKI, 2016, p. 335)

Os autores salientam que ainda há pouca produção no campo da Educação Física sobre o *slackline*, principalmente quando se relaciona essa prática ao contexto dos idosos. Além disso, Pereira, Tavares e Suzuki (2016) lembram a necessidade de serem realizadas mais pesquisas de caráter qualitativo, uma vez que compreender a subjetividade dos praticantes é importante para oferecer outras possibilidades de contribuição do *slackline*. Já Mendes, Gomes e Bello (2014) objetivaram, por meio da prática do *slackline*, identificar o centro de massa das manobras conhecidas como *Drop Knee*, o *Foot Plant* e o *Buddha Lateral*, a fim de compreender as posições adotadas pelo corpo. Os autores concluem que o *slackline* auxilia seus praticantes no que tange ao trabalho das capacidades físicas

como o equilíbrio e o controle motor. Segundo Mendes, Gomes e Bello (2014, p. 20):

[...] a prática do *Slackline* é essencialmente antiga, porém, nos últimos anos, vem se aperfeiçoando e se consolidando como uma atividade física moderna. Ainda carece de estudos sobre sua prática, analisando aspectos físicos, neuromotores e biomecânicos para melhor fundamentar seu esporte e torná-lo não só recreativo, mas adotado pelos professores de Educação Física em escolas, clubes e como processo de aquisição de habilidades, principalmente o equilíbrio e a coordenação motora.

Os textos de Mendes, Gomes e Bello (2014), Pereira, Tavares e Suzuki (2016) e Santos e Marinho (2014) apontam para a necessidade da produção de mais estudos sobre o *slackline*, principalmente, relacionados aos benefícios que essa prática corporal propicia. Nesse sentido, vale a pena ressaltar que os artigos se interessam mais em observar os impactos práticos da realização do *slackline* e menos de descreverem ensaios sobre este tema, por exemplo, tentando entender as relações de aprendizagem e as experiências emotivas dos praticantes. Nesse sentido, do que tratam os quatro textos que aproximam o *slackline* do ambiente escolar?

A PRESENÇA DO SLACKLINE NO AMBIENTE ESCOLAR

Como supracitado, quatro artigos mapeados se dedicaram a pesquisar a relação do *slackline* com o ambiente escolar. Essa escolha se dá pelo fato de esses trabalhos corresponderem a 30.7% do total das publicações mapeadas. Além disso, interessa também compreender qual contribuição desses artigos para a inserção desta prática no contexto escolar, haja vista a discussão a respeito da BNCC. Nesse sentido, queremos saber quais são os artigos propositivos e quais não são propositivos para pensar o *slackline* como conteúdo das aulas de Educação Física.

No que tange a discussão sobre as abordagens propositivas e não propositivas Castellani Filho (1999) diz que a grande diferença está no fato de as primeiras



apresentarem uma metodologia de ensino da Educação Física enquanto as segundas não apresentam. Partindo desta compreensão, procuramos mapear o número de artigos que propõem, no âmbito da Educação Física escolar, a prática do *slackline*. Para definir quais são os artigos propositivos, elencamos dois critérios: 1)

textos que apresentam modelos ou unidades didáticas para o ensino do *slackline*; 2) artigos que apresentam relatos de experiência e/ou diários de campo do processo de ensino do *slackline*, descrevendo as atividades realizadas. Feito isso, elencamos (quadro 2) os artigos propositivos e não propositivos.

Quadro 2 – Artigos propositivos ou não propositivos que abordam o *slackline* no ambiente escolar

Objetivo/Ano	2013	2017	2018	Total
Propositivos	Pereira	Bungenstab e colaboradores	Loureiro e colaboradores	4
			Martins e Neira	
Não Propositivos	-	-	-	-

Nota: construção dos autores

Nota-se, com o quadro 2, que todos os quatro artigos mapeados foram classificados como propositivos para o ambiente escolar. Como ressaltam Tahara e Darido (2015), a Educação Física escolar tem um vasto arcabouço sobre as PCA e os problemas que mais são diagnosticados no processo de ensino se dão pela falta de estrutura física e o desconhecimento de metodologias para o desenvolvimento das aulas. Tahara e Darido (2015) também comprovaram, por meio de um estudo da arte, que há poucos artigos pensando as PCA no ambiente escolar, sobretudo, o *slackline*.

Pereira (2013) verificou a prática do *slackline* para alunos de um curso superior de Educação Física. Por meio de diários de campo e relatos de experiências, o autor aborda que é preciso que o professor leve em consideração alguns elementos como: o medo, a superação, a surpresa, a emoção e a avaliação. Pereira (2013) sugere que, para uma aprendizagem inicial do *slackline*, o professor preocupe-se em colocar a fita com colchões abaixo, incitando maior confiança para os alunos realizarem as práticas. Salienta, ainda, que é importante que o aluno veja sua evolução diante da prática, fato que o estimula a continuar:

O resultado de 87% de sucesso mostra que as estratégias de ensino usadas nas aulas, como: as informações sobre posicionamento, movimentação sobre a fita, altura da fita, e o tipo de avaliação, incentivaram os sujeitos e se dedicar e persistir na obtenção do resultado. Não houve uma exigência técnica, como

única forma de se realizar a tarefa, mas um objetivo a ser alcançado e algumas informações que podem levar ao sucesso. Isto aparece no medo superado com as emoções e surpresas que surgiam das próprias capacidades sendo descobertas durante a avaliação. (PEREIRA, 2013, p. 231).

De modo semelhante, Loureiro e colaboradores (2018) apresentam, a partir de relatos autobiográficos, possibilidades de se trabalhar com PCA na educação infantil. Nesse contexto, insere o ensino do *slackline*. Destacam, na aprendizagem inicial, a importância de inserir forros abaixo da fita e pendurar cordas acima da fita para que as crianças não corram o risco de se desequilibrarem. Além disso, descrevem a respeito das (im)possibilidades de adaptação de materiais e sobre a falta de espaços. Todos esses aspectos auxiliam na construção e planejamento de uma aula de *slackline*. Apesar dos artigos de Pereira (2013) e Loureiro e colaboradores (2018) não sistematizarem o ensino do *slackline*, eles deixam claro que, para planejar uma aula deste conteúdo, é preciso levar em consideração algumas informações. Nesse sentido, consideramos que estes artigos são propositivos, uma vez que descrevem sobre a altura da fita, o posicionamento e as movimentações do *slackline*, fato que pode ajudar novas experiências dos leitores.

Já Bungenstab e colaboradores (2017) propuseram, a partir do *slackline*, a criação de uma unidade didática com as aulas programadas



com o “passo a passo” na construção deste conteúdo como uma temática dentro das PCA. Os autores propõem:

[...] um conjunto de oito aulas que possuem o equilíbrio como tema central para o ensino das práticas corporais de aventura na escola. As aulas se organizam das aprendizagens mais simples até aquelas de maior complexidade. A complexidade, nesse caso, diz respeito à aprendizagem dos elementos técnicos de uma prática corporal de aventura específica; na nossa proposta: o *slackline*. Vale salientar que nesta unidade didática o risco assumido é mínimo já que a ideia é trabalhar o equilíbrio a partir de atividades lúdicas e adaptadas à realidade escolar. (BUNGENSTAB et al., 2017, p. 35)

A proposta de Bungenstab e colaboradores (2017) não chega a ser materializada no artigo, contudo, ela é apresentada de forma sistematizada facilitando, assim, a execução por parte de outros professores. Os autores deixam claro, ainda, que esta proposta de unidade didática não procura formar atletas de *slackline*, mas sim oportunizar uma aprendizagem com sentido e significado a partir da valorização das experiências corporais.

Por fim, Martins e Neira (2018, p. 384) relataram uma experiência de ensino do *slackline* no Centro Integrado de Educação de Jovens e Adultos (CIEJA). Para tal, pautaram-se pela,

[...] perspectiva cultural da Educação Física, uma proposta de ensino do componente que, ao buscar inspiração nas teorias pós-críticas⁵ adquire, como se verá, características bem específicas no tocante aos princípios ético-políticos que orientam a definição do tema e organização das atividades de ensino, os procedimentos didáticos e os conhecimentos abordados nas aulas. Conforme defende Neira (2018), trata-se de uma vertente a favor das diferenças e comprometida com a formação de sujeitos solidários. (MARTINS; NEIRA, 2018, p. 384)

Martins e Neira (2018), assim como Bungenstab e colaboradores (2017), também trabalharam o *slackline* a partir da noção de equilíbrio. A ideia foi a de apresentar práticas

corporais que proporcionam equilíbrio e flexibilidade. Tal apresentação se deu a partir da experiência corporal em diferentes aparelhos, como: o banco sueco, bola de pilates e almofada de equilíbrio. Na sequência, Martins e Neira (2018) utilizaram cordas no chão no intuito de aproximar os alunos da sensação causada ao andar na corda que é semelhante aquela realizada na fita do *slackline*. Salientaram, ainda, a importância das aulas acontecerem também dentro do ambiente da sala de aula, a partir da exibição de vídeos contendo manobras específicas do *slackline*. Martins e Neira (2018, p. 393) concluem que:

Consideramos como ponto positivo a oportunidade desses estudantes vivenciarem uma prática corporal para muitos desconhecida. Idosos, adultos e jovens com ou sem deficiências puderam saber um pouco mais sobre o esporte, sem qualquer tipo de segregação ou classificação. Apesar dos poucos momentos de ampliação e aprofundamento dos conhecimentos, avaliamos que passaram a entender a prática corporal não como uma atividade para a melhoria do equilíbrio, mas como uma manifestação onde os participantes a realizam pelo prazer proporcionado, pelos desafios gerados, sem um caráter instrumental.

Destes quatro trabalhos propositivos, apenas o de Bungenstab e colaboradores (2017) não relata uma experiência concretizada. Por outro lado, é o único texto que sistematiza, de forma clara, uma unidade didática para o ensino do *slackline* no contexto escolar. Os trabalhos de Martins e Neira (2018) e Bungenstab e colaboradores (2017) se aproximam na medida em que ambos procuram trabalhar o equilíbrio como elemento central da aprendizagem, bem como relatam passo a passo o modo que as atividades devem acontecer (BUNGENSTAB et al., 2017) ou aconteceram (MARTINS; NEIRA, 2018).

Vale salientar, também, que dos quatro artigos, apenas o publicado por Martins e Neira (2018) pauta sua proposta de ensino a partir de uma metodologia clara, qual seja: a perspectiva cultural da Educação Física (NEIRA, 2016). Os outros três trabalhos não se preocuparam em



apresentar uma abordagem específica da Educação Física para basear suas propostas. Fica evidente que ainda há pouca discussão que tematiza o *slackline* como proposta pedagógica no ambiente escolar. Contudo, os trabalhos que já existem podem auxiliar na construção de novos artigos científicos.

CONCLUSÃO

A recém-criada BNCC pode estimular o crescimento de pesquisas propositivas no âmbito escolar dando mais visibilidade para essa discussão. Vale ressaltar, ainda, que existem desafios para a implementação destes conteúdos na escola como, por exemplo: materiais pedagógicos, espaços para desenvolver a prática e a aceitação do corpo pedagógico da escola (que ainda possuem o imaginário de que as PCA significam expor as crianças a riscos incontroláveis).

A partir das análises dos quatro artigos que se dirigem ao contexto escolar, notamos que, atualmente, a preocupação a respeito dos modos técnicos da aprendizagem do *slackline* está à frente da escolha metodológica para o ensino. Acreditamos que isso se dá pela novidade do tema, fato que motiva os pesquisadores/professores na busca pelos “modos de fazer” com foco na execução dos movimentos.

Percebemos, a partir do cenário apresentando no presente texto, que o *slackline* como uma manifestação das PCA está caminhando a passos largos na direção do

ambiente escolar. Os trabalhos mapeados que propuseram uma prática pedagógica voltada para a escola estão colaborando ao sugerir possibilidades de ensino. Assim, os professores terão informações acerca de como sistematizar essa prática corporal que, agora, passa a ser “conteúdo obrigatório” dentro da BNCC.

Outro aspecto que ainda dificulta a implementação das PCA em âmbito escolar é a questão dos materiais didáticos. Todos os quatro textos mapeados apontam que há a necessidade de materiais indispensáveis para algumas práticas específicas que não permitem adaptações como normalmente se é visto em outras práticas corporais. Tal diagnóstico joga luz à responsabilidade que o Estado tem em fornecer esses subsídios para que os professores consigam desempenhar com qualidade suas aulas dentro deste novo conteúdo.

Por fim, concluímos que o campo de pesquisas sobre o *slackline* está aberto. Reconhecemos que a presente pesquisa se limitou a mapear/analisar um recorte de revistas científicas da Educação Física não adentrando, por exemplo, no cenário das teses e dissertações. Nesse sentido, fica a sugestão para pesquisas futuras: explorar os objetivos e processos avaliativos por meio do ensino do *slackline*; realizar estudos sobre a (não) possibilidade de ensinar o *slackline* a partir de materiais alternativos; propor novas experiências deste conteúdo dentro do ambiente escolar e, também, propor maneiras de se ensinar o *slackline* a partir das metodologias de ensino da Educação Física.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Adriana Mesquita de; GÁSPARI, Arthur Fernandes. Esportes radicais, de aventura e de ação: o conteúdo dos ensinamentos formal e não formal e os desafios de formação e prática do profissional de educação física. *Conexões*, v. 12, n. 3, p. 159-168, jul./ set., 2014.

BARTHOLDO, Thiago Lisboa; ANDRADE, Marcos Vinicius Pimentel. **Esportes radicais: praticando o *slackline***. Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, RJ. (2011). Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=24047>>. Acesso em 15 de out., 2017.



BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho e colaboradores. Educação física no ensino médio: possibilidades de ensino das práticas corporais (de aventura). **Corpoconsciência**, v. 21, n. 3 p. 29-40, set./ dez., 2017.

BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho; ALMEIDA, Felipe Quintão de. Práticas corporais nas escolas de ensino médio situadas em Vitória/ Espírito Santo. **Pensar a prática**, v. 19, n. 1, p. 156-168, jan./ mar., 2016.

BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho. A presença de Anthony Giddens na produção científica da educação física brasileira: entre a reflexão e o deslize. **Movimento**, v. 24, n. 3, p. 777-788, jul./ set., 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF: MEC, 2017.

CASTELLANI FILHO, Lino. **A educação física no sistema educacional brasileiro**: percurso, paradoxos e perspectivas. 185f. 1999. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1999.

GALVÃO, Maria Cristiane Barbosa. O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica. In: FRANCO, Laércio Joel, PASSOS Afonso Dinis Costa. (Orgs.). **Fundamentos de epidemiologia**. São Paulo: Manole, 2010.

INÁCIO, Humberto Luis de Deus e colaboradores. Práticas corporais de aventura [na natureza] educação física escolar: uma experiência em escolas da rede municipal de Goiânia. **XIX Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, VI Congresso Internacional de Ciências do Esporte**, Vitória, ES, 2015.

INÁCIO, Humberto Luís de Deus e colaboradores. Práticas corporais de aventura na escola: possibilidades e desafios: reflexões para além da Base Nacional Comum Curricular. **Motrivivência**, v. 28, n. 48, p. 168-187, set., 2016.

LOUREIRO, Walk e colaboradores. Radicalizando e aventurando com a educação infantil - **Corpoconsciência**, v. 22, n. 1, p. 53-65, jan. /abr., 2018.

MARTINS, Jacqueline Cristina Jesus; NEIRA, Marcos Garcia. *Slackline* no CIEJA: não é para melhorar o equilíbrio, é porque é... **Conexões**, v. 16, n. 3, p. 382-394, set., 2018.

MENDES, Alessandra Melato; GOMES, Daiane Alves; BELLO, Marcel. *Slackline*: Análise biomecânica das posições estáticas na modalidade trickline: drop knee/foot plant/buddha. **Corpoconsciência**, v. 18, n. 1, p. 7-22, jan./ jun., 2014.

NEIRA, Marcos Garcia. **Educação física cultural**. São Paulo: Blucher, 2016.

PEREIRA, Dimitri Wuo. *Slackline*: vivências acadêmicas na educação física. **Motrivivência**, ano XXV, n. 41, p. 223-233, dez., 2013.

PEREIRA, Dimitri Wuo; TAVARES, Juliana Teles; SUZUKI, Frank Shiguemitsu. *Slackline*: saúde, aventura e emoção para os idosos. **Pensar a prática**, v. 19, n. 2, p. 328-338, abr./ jun., 2016.

PIMENTEL, Giuliano Gomes de Assis. Esportes na natureza e atividades de aventura: uma terminologia aporética. **Revista brasileira de ciências do esporte**, v. 35, n. 3, p. 687-700, jul./ set., 2013.



PORTELA, Tiago Reis. O efeito de um treino em superfícies instáveis. 88f. 2010. Dissertação (Mestrado em Ciências Médicas e da Saúde) Universidade do Porto, Porto, Portugal, 2010.

SANTOS, Priscila Mari dos; MARINHO, Alcyane. *Slackline* e educação física: experiências do projeto de extensão “lazer e recreação”. **Licere**, v. 17, n. 4, p. 306-328, dez., 2014.

TAHARA, Alexander Klein. DARIDO, Suraya Cristina. Diagnóstico entre a relação das práticas corporais de aventura e a educação física escolar. **Corpoconsciência**, v. 1, n. 1, p. 1-10, jan./abr., 2015.

TAHARA, Alexander Klein. DARIDO, Suraya Cristina. Proposta de unidade didática acerca das práticas corporais de aventura, trilhas interpretativas, educação física escolar e tecnologias de informação e comunicação (TIC). **Corpoconsciência**, v. 19, n. 2, p. 55-68, jul./dez., 2014.

TAHARA, Alexander Klein; DARIDO, Suraya Cristina. Práticas corporais de aventura em aulas de educação física na escola. **Conexões**, v. 14, n. 2, p. 113-136, abr./jun., 2016.

XAVIER, Gabriele Carapeto. ***Slackline em Porto Alegre***: configurações da prática. 63f. 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Educação Física). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2012.

Dados do autor:

Email: diogo0424@gmail.com

Endereço: Rua Dona Firmina, Quadra 1, Condomínio Monte Verde, Casa 36, Sítio Recreio dos Ipês, Goiânia, GO, CEP: 74681-450, Brasil.

Recebido em: 13/12/2018

Aprovado em: 22/03/2018

Como citar este artigo:

GUEDES, Diogo Geraldo da Silva; BUNGENSTAB, Gabriel Carvalho. *Slackline*: desafios e possibilidades no ambiente escolar. **Corpoconsciência**, v. 23, n. 01, p. 48-57, jan./abr., 2019.